

## Apresentação do dossiê “Entre as máscaras: olhares etnográficos sobre o mundo em pandemia”

Márcia Regina Calderipe Farias Rufino (PPGAS-UFAM)  
Camila Garcia Iribarrem (PPGAS-UFAM)  
Carla Pires Vieira da Rocha (NAVI-UFSC)  
Caroline Soares de Almeida (PPGA-UFPE/NAVI-UFSC)

Que reflexões as imagens da pandemia podem trazer, pelo olhar da Antropologia, sobre as experiências de viver, estar, coabitar, enclausurar e reintegrar cotidianos reconfigurados pela emergência do coronavírus em diferentes cidades ao redor do mundo? A pergunta que deu origem a este dossiê revela um pouco do momento pelo qual estamos passando: um período de incertezas, em que não somente nossos métodos estão sendo repensados, mas também as epistemologias existentes. De uma hora para a outra, nos tornamos uma ameaça à saúde de nossas/os interlocutoras/es, ao mesmo tempo em que as dimensões pública e privada de nossas vidas passaram a confundir-se - a intimidade de nossas casas foram expostas em *lives*, congressos, reuniões e aulas remotas. Amigos e familiares foram impedidos de viver seus lutos e as restrições sanitárias nos afastaram das salas de aulas e do convívio físico com colegas. Toda essa configuração fez com que o cotidiano passasse por revisões.

Desde que a pandemia foi decretada pela Organização Mundial da Saúde, no mês de março de 2020, temos questionado o papel da Antropologia diante dos desafios surgidos nos últimos dois anos. A questão foi largamente debatida na série de webinários<sup>1</sup> organizado pela *World Council of Anthropological Association (WCAA), Culture and public health in the era of Coronavirus*, realizados entre abril e maio de 2021. Em tempos de pandemia, em que uma nova ordem pautada no distanciamento social, no fechamento das fronteiras nacionais, em restrições à mobilidade, no isolamento quase que geral da população e no potencial colapso do sistema econômico, constatamos uma urgência no estabelecimento de novos métodos para a pesquisa etnográfica – até mesmo novas epistemologias após a passagem do período mais crítico, que contemplem esse período marcado por mudanças e rompimentos. Conforme nos apontou Lilia Schwarcz (2020), a pandemia de Covid-19 possivelmente marcou o fim do século XX não apenas em sua temporalidade, mas em sua essência. O século XX caracterizou-se pelo avanço tecnológico “e a ideia de que ela nos emanciparia e libertaria” (SCHWARCZ, 2020, n.p.). Em 2020, a pandemia nos mostrou o contrário. O cenário produzido pelo desenvolvimento e - em certa medida - pela popularização de tecnologias, mostrou-se demasiadamente frágil ao reflexo da produção que alimentava nossas vidas até então. O meio ambiente já mostrava há décadas seu esgotamento, enquanto ambientalistas alertavam para a iminência de pandemias.

A pandemia, enquanto um “evento crítico” (DAS, 1995), tem atingido as populações com as quais interagimos em diferentes intensidades e escalas. Se as contaminações pela Covid-19 no Brasil iniciaram-se em grandes cidades, como São Paulo, trazendo a necessidade de medidas contundentes de distanciamento social e cuidados relativos à biossegurança, logo inúmeras po-

---

<sup>1</sup> Termo utilizado como referência a seminários (*seminar*, em inglês) virtuais, solução encontrada para manter o diálogo entre os acadêmicos durante a pandemia por Covid-19. O I *Webinar* da WCAA reuniu antropólogos de diferentes países em 16 de abril de 2020. O seminário foi mediado por Clara Saraiva (APA/ULisboa), tendo como debatedores: Cristiana Bastos (ICS/ULisboa), Frederic Keck (CNRS), Karine Jansen (UB); Sergio Carrara (UERJ); Charles Briggs (UC-Berkeley); Isaac Nyamongo (The Cooperative University of Kenya); Jing Wang (New York University of Shanghai). Para mais, acessar: *Culture and public health in the era of Coronavirus*. [HOMEPAGE](#)

pulações das regiões e cidades do interior, passaram a conviver com o vírus e a precariedade dos meios para combatê-lo.

Em textos produzidos sobre a pandemia da Covid-19, Segata (2020) e Segata, Schuch, Damo e Victora (2021), enfatizam sua ocorrência em escala global, o que não lhe confere um estatuto como fenômeno universal, pois seus efeitos dão-se em contextos locais, de forma situada e de acordo com as experiências corporais dos sujeitos. A antropologia e as Ciências Sociais podem contribuir de forma significativa para pensar sobre os efeitos da doença a partir de marcadores sociais como pertencimento étnico, gênero, classe social, nacionalidade. Concordamos com Segata et al. (2020, p.9) que ‘colocar o novo coronavírus um pouco de lado e atentar para outros dispositivos que compõem com ele as múltiplas pandemias é um exercício de descolonização que precisa ser protagonizado pela pesquisa social’.

A proposta deste dossiê consiste, portanto, em uma contribuição sobre as particularidades e modos de enfrentamento dessa crise sanitária em contextos locais e abrange as subjetividades imagéticas. A temática é ampla e dinâmica. Essa mudança acompanha a trajetória das populações na busca de reformulações e adaptações de seus “modos vivendi” atravessado pelo espectro de alcance do vírus. Há um contínuo processo de reconfiguração e ocupação dos espaços, sejam coletivos ou no âmbito dos confinamentos individualizados.

A expressividade das máscaras de proteção individual utilizadas durante a pandemia sinalizam estratégias de proteção contra a Covid-19. Da mesma forma, a simbólica derrubada de monumentos históricos (de heróis colonizadores e protagonistas do tráfico e escravidão africana) por movimentos antirracistas que ascenderam durante a pandemia, devido a morte do norte americano George Floyd, podem incluir reflexões sobre a agência da cultura material. As narrativas imagéticas desse período propiciam análises acerca de rupturas estruturais nos diversos modos de vida e resistências das sociedades em todo planeta, interligando o coletivo ao indivíduo como marca de um processo histórico-social.

Esse dossiê é iniciado a partir de uma provocação à reflexão sobre um dos aspectos vitais da sobrevivência humana, a alimentação e seus desdobramentos sobre as práticas alimentares em feiras públicas. O artigo *Feiras em tempos de pandemia: reflexões a partir de comida e risco* nos posiciona diante dos atuais e inerentes protocolos que inauguram os novos espaços interrelacionais entre a pandemia e o uso das redes sociais como articuladora dessa comercialização. O texto escrito por Luceni Hellebrandt, Renata Ribeiro, Flor Tavares e Renata Menasche, mostra também uma dinâmica de resistência e a transformação das práticas cotidianas no universo de produção, distribuição e formas de alimentação.

Entre a esfera vital e a cosmopolítica, a vida na pandemia nos apresenta seu brilho na arte indígena como movimento cocriador de conhecimentos e epistemologias que marcam o porvir. Em uma apresentação delineada pela manifestação dos saberes e as dimensões da arte indígena seguindo a instalação “ENTIDADES” (2020) de Jaider Esbell, a vídeo-carta n.1 “Nhemongueta Kunhã Mbaraete” (2020) de Graciela Guarani e as projeções dos desenhos de Joseca Yanomami “O sopro dos xapiri” (2020), o artigo *Cosmopolítica do brilho: seguindo a arte indígena contemporânea no contexto da pandemia do coronavírus (Covid-19)*, de Alberto Andrade Neto e Juliana França, é também um manifesto sobre as forças e agenciamentos cujo brilho ofusca as práticas neocoloniais que se levantaram em opressão a diversidade étnica no Brasil, acirradas durante esse período de pandemia. É um grito de luz, que abrilhanta a proposta de reflexão desse dossiê, assim como os artigos “*Testemunhos da Covid 19 entre povos indígenas e quilombolas da Amazônia*”, de Alexandre Souza, Liliane Salgado, Ozaias Rodrigues e Thiago Motta Cardoso, e a *Agência Indígena na Amazônia Peruana*, de Cynthia Palacios, que se coadunam como experiências de ruptura sobre as bases hegemônicas que vêm sustentando e retroalimentando a política nefasta em vigor no país, especialmente sobre os grupos étnicos na Amazônia legal.

O ensaio visual *Para além das máscaras: uma etnografia visual das manifestações políticas na Praça da saudade em Manaus, na pandemia de Covid 19*, retoma as inquietações sobre

o conceito de arte política e grafite como linguagem de uso do espaço público como lugar de manifestações sociais. O trabalho de autoria de Eduardo Monteiro e Samile Pereira explora o olhar atravessado pelo caos instalado durante a pandemia na cidade de Manaus.

Da Amazônia à Espanha, o artigo *E se volta à “normalidade”, aglomeração e governamentalidade da pandemia em Barcelona*, de Rosana Paiva, traz do contexto pandêmico europeu as particularidades inerentes ao sistema de enfrentamento da pandemia na capital catalã. Entre restrições e afrouxamento das regras, mostra as contradições e dissensos na sua condução. O ensaio *Agir e esperar entre as incertezas*, realizado por Monique Malcher, desloca o movimento da Antropologia Visual sobre a alteridade imagética das colagens e as dimensões simbólicas que arte digital provoca, ao mesmo tempo em que transforma o estado de ser/estar em quarentena no decorrer da pandemia. Esse movimento que os diversos corpos experimentam em percursos urbanos, aparecem nos registros de *Reconhecimento de corpos e práticas urbanas na cidade de Kilamba em plena pandemia de Covid 19*, de Yuri Agostinho, e que forma um paralelo com outra série desta coletânea de, *Arte circense e desigualdade de uma Porto “não tão” Alegre*, de Gabriel Sager. Ambos aprofundam o paradoxo no âmbito das emoções, tristezas, isolamentos e esperanças que se confundem no estado do viver em pandemia.

Finalizando a série de ensaios visuais, o dossiê encerra com o trabalho de Andrea Eichenberger, *O tempo se estendeu como um fio de mel*. A sequência fotográfica nos remete à esperança encontrada “na pureza da resposta das crianças”, parafraseando o poeta Gonzaguinha. São imagens de um futuro que existirá e resistirá ao porvir. Um alento sobra a máxima de Anna Tsing (2019) sobre um “viver nas ruínas” como o perpétuo estado de metamorfose do mundo.

Convidamos à leitura deste dossiê, cuja ideia central foi acolher abordagens etnográficas diversas em diferentes contextos e sem um formato pré-definido. São pesquisas em formatos variados realizadas em múltiplos cenários Kilamba (Angola), Amazônia Peruana, Manaus (AM), Boa Vista (RR), Barcelona (Espanha), Pelotas (RS). Os temas abrangem arte indígena, feiras de comida, manifestações políticas, profissionais de saúde, entre outros, em sua articulação com problemáticas que emergiram com a pandemia da Covid-19.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAS, Veena. *Critical events. An anthropological perspective on contemporary India*. Delhi, Oxford University Press. 1995

SCHWARCZ, Lilia. Quando acaba o século XX. São Paulo: Companhia das Letras (E-book), 2020.

SEGATA, Jean. A Pandemia e o digital. Revista *Todavia*, Porto Alegre, v. 7, n.1, ed. 8, p. 7-15, 2020.

SEGATA, Jean; SCHUCH, Patrice; DAMO, Arlei; VICTORA, Ceres . A Covid-19 e suas múltiplas pandemias. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 7-25, 2021.

TSING. Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

